

INTRODUÇÃO: A ESFINGE



Em 1946, a jovem escritora brasileira Clarice Lispector regressava do Rio de Janeiro a Itália, onde o seu marido era vice-cônsul em Nápoles. Viajara para casa como correio diplomático, levando despachos para o Ministério das Relações Exteriores brasileiro, mas, com as rotas habituais entre a Europa e a América do Sul interrompidas por causa da guerra, a sua viagem para se juntar ao marido seguiu um itinerário pouco convencional. Do Rio voou para Natal, no extremo nordeste do Brasil, daí seguiu para a base britânica na ilha de Ascensão, no Atlântico Sul, para a base aérea americana na Libéria, para as bases francesas em Rabat e Casablanca, e daí, via Cairo e Atenas, para Roma.

Antes de cada etapa da viagem, dispunha de algumas horas, ou dias, para conhecer o lugar. No Cairo, o cônsul brasileiro e a sua mulher convidaram-na a acompanhá-los a um cabaré, onde ficaram espantados por ver a exótica dança do ventre ser executada ao som dos acordes familiares de um sucesso do Carnaval carioca de 1937, «*Mamãe eu quero*» de Carmen Miranda.

O Egito propriamente dito não a impressionou, tal como escreveu a um amigo do Rio de Janeiro.

«Vi as pirâmides, a esfinge — um maometano leu minha sorte nas “areias do deserto” e disse que eu tinha coração puro... [...]. Falar em esfinge, em pirâmides, em piastras, tudo isso é de um mau gosto horrível. É quase uma falta de pudor viver no Cairo. O problema é sentir alguma coisa que não esteja prevista num guia.»¹

Clarice Lispector nunca voltou ao Egito. Mas, muitos anos depois, recordou o seu breve circuito turístico, quando, nas «areias do deserto» olhou fixamente para nem mais nem menos do que a própria Esfinge.

«Não a decifrei», escreveu a bela e imponente Clarice. «Mas ela também não me decifrou.»²



Quando morreu, em 1977, Clarice Lispector era uma das figuras míticas do Brasil, a Esfinge do Rio de Janeiro, uma mulher que fascinava os seus compatriotas, praticamente desde a adolescência. «Ao vê-la, levei um choque», recordou o poeta Ferreira Gullar, sobre o primeiro encontro. «Seus olhos amendoados e verdes, as maçãs do rosto salientes, ela parecia uma loba — uma loba fascinante. [...] Imaginei que, se voltasse a vê-la, iria me apaixonar por ela.»³ «Há homens que nem em dez anos me esqueceram», admitiu ela. «Há o poeta americano que ameaçou suicidar-se porque eu não correspondia...»⁴ O tradutor Gregory Rabassa lembrou ter ficado «estupefacto por conhecer aquela pessoa rara que se parecia com Marlene Dietrich e que escrevia como Virginia Woolf».⁵

Actualmente, no Brasil, o seu atraente rosto adorna selos de correio. O seu nome confere classe a condomínios de luxo. As suas obras, muitas vezes menosprezadas durante a sua vida por serem consideradas herméticas ou incompreensíveis, são vendidas em máquinas de venda automática nas estações de metropolitano. A Internet ferve com centenas de milhares dos seus fãs, e raramente passa um mês sem que seja publicado um livro que analisa um aspecto ou outro da sua vida e da sua obra. O seu nome próprio é suficiente para a identificar perante os brasileiros instruídos, que, segundo comentou uma editora

espanhola, «a conheciam todos, tinham estado em sua casa, e tinham alguma história engraçada para contar acerca dela, tal como os argentinos têm sobre Borges. Ou, no mínimo, foram ao funeral dela»⁶.

A escritora francesa Hélène Cixous declarou que Clarice Lispector era o que Kafka teria sido se tivesse sido mulher, ou se «Rilke tivesse sido uma brasileira judia nascida na Ucrânia. Se Rimbaud tivesse sido mãe, se tivesse chegado aos cinquenta anos. Se Heidegger pudesse ter deixado de ser alemão»⁷. As tentativas de descrever esta mulher indescritível seguem com frequência esta linha, recorrendo a superlativos, ainda que aqueles que a conheceram, quer pessoalmente, quer através dos seus livros, insistam que o aspecto mais surpreendente da sua personalidade, a sua aura de mistério, ilude qualquer tipo de descrição. «Clarice», escreveu o poeta Carlos Drummond de Andrade por ocasião da sua morte, «veio de um mistério, partiu para outro.»⁸

O seu ar indecifrável fascinava e desassosseitava todos os que se cruzavam com ela. Após a sua morte, um amigo escreveu que:

«Clarice era uma estrangeira. Não porque nasceu na Ucrânia. Criada desde menininha no Brasil, era tão brasileira quanto não importa quem. Clarice era estrangeira na terra. Dava a impressão de andar no mundo como quem desembarca de noite numa cidade desconhecida onde há greve geral de transportes.»⁹



«Talvez seus amigos mais íntimos e os amigos desses amigos saibam alguma coisa sobre a sua vida», escreveu um entrevistador, em 1961. «De onde veio, onde nasceu, quantos anos tem, como vive. Mas ela não fala nunca sobre isso, “pois é uma parte muito pessoal”.»¹⁰ Clarice revelava muito pouco. Uma década mais tarde, outro jornalista frustrado resumia as respostas de Clarice a uma entrevista: «Não sei, não conheço, não ouvi dizer, não entendo do assunto, não é do meu domínio, é difícil explicar, não sei, não me considero, não ouvi, desconheço, não há, não creio.»¹¹ No ano que antecedeu a sua morte, uma repórter que viera da Argentina tentou fazê-la falar: «Di-

zem que é evasiva, difícil, que não fala. Não me parece.» Clarice retorquiu: «É óbvio que têm razão.» Depois de obter respostas monossilábicas, a repórter preencheu o silêncio com uma história sobre outro escritor.

«Mas ela não disse nada. Nem sequer sei se ela olhou para mim. Pôs-se de pé e disse:

“Talvez vá a Buenos Aires, este Inverno. Não se esqueça de levar o livro que eu lhe dei. Encontrará nele material para o seu artigo.”

[Ela era] muito alta, de cabelo escuro e pele morena, [e] eu recordo-me de que trazia um vestido de seda castanho, comprido. Mas posso estar enganada. Quando íamos a sair, detive-me em frente de um retrato a óleo do seu rosto.

“De Chirico”, disse ela antes de eu poder perguntar. E depois, no elevador: “Desculpe, não gosto de conversar.”»¹²



Perante esta ausência de informação, nasceu uma mitologia. Ao ler relatos dela em diferentes momentos da sua vida, é difícil acreditar que dizem respeito à mesma pessoa. Os pontos de discórdia não eram triviais. Houve uma altura em que se pensou que «Clarice Lispector» fosse um pseudónimo, e o seu nome original só seria conhecido após o seu falecimento. Onde nasceu exactamente e que idade tinha eram questões pouco claras. A sua nacionalidade era posta em causa e a identidade da sua língua materna era obscura. Uma entidade testemunhará que ela era de direita e outra dirá que ela era comunista. Outra insistirá que ela era uma católica pia, ainda que, na realidade, fosse judia. Chegaram a correr boatos de que era lésbica, apesar de, a um determinado momento, haver outros que afirmavam que, na realidade, ela era um homem.

O que torna este emaranhado de contradições tão estranho é o facto de Clarice Lispector não ser uma figura vaga da qual apenas se tenha conhecimento através de fragmentos de papiro antigo. Ela morreu há praticamente trinta anos. Há muitas pessoas vivas que a conheceram. Ela foi uma figura proeminente quase desde a adolescência, a sua vida foi intensamente documentada na

imprensa, e deixou ficar uma longa correspondência. No entanto, poucos grandes artistas modernos são tão desconhecidos. Como pode uma pessoa que viveu numa grande cidade ocidental, durante o século xx, que deu entrevistas, habitou em apartamentos de arranha-céus, e que realizou viagens aéreas permanecer tão enigmática?

Ela própria escreveu, uma vez: «*Sou tão misteriosa que não me entendo.*»¹³



«*Meu mistério*», insistia noutro texto, «*é não ter mistério.*»¹⁴ Clarice Lispector conseguia ser conversadora e expansiva com a mesma frequência com que era silenciosa e incompreensível. Para perplexidade geral, Clarice insistia ser apenas uma dona de casa, e aqueles que chegavam à espera de encontrar uma esfinge, mais depressa encontravam uma mãe judia que lhes oferecia bolo e *Coca-Cola*. «*Preciso de dinheiro*», disse a um jornalista. «*A posição de um mito não é muito confortável.*»¹⁵ Numa fase mais adiantada da sua vida, explicando porque desistira de dar entrevistas, afirmava: «*Eles não iam entender uma Clarice Lispector que pinta as unhas dos pés de vermelho.*»¹⁶

Acima de tudo, Clarice desejava ser respeitada como um ser humano. Ficou paralisada quando a famosa cantora Maria Bethânia se lançou aos pés dela exclamando: «*Minha deusa!*»¹⁷ «*Ah!*», exclama uma das protagonistas de Clarice, «*era mais fácil ser um santo que uma pessoa!*»¹⁸ Num melancólico extracto denominado «*Perfil de um ser eleito*», Clarice descreve a sua revolta contra a sua imagem: «*Então ele tentou um trabalho subterrâneo de destruição da fotografia: fazia ou dizia coisas tão opostas à fotografia que esta se eriçava na gaveta. Sua esperança era tornar-se mais vivo que a fotografia. Mas o que aconteceu? Aconteceu que tudo o que o ser fazia só ia mesmo era retocar o retrato, enfeitá-lo.*»¹⁹

A lenda era mais forte do que ela. No fim da sua vida, foi questionada acerca de um comentário desagradável que surgiu num jornal. «*Fiquei meio aborrecida, mas depois passou. Se eu me encontrasse com ele a única coisa que eu diria é: Olha, quando você escrever sobre mim, Clarice, não é com dois esses, é com c, viu?*»²⁰